

## **CONVIVER, CONHECER, APRENDER... UMA EXPERIÊNCIA DE CONVIVÊNCIA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CASCA**

Coordenador: SUSANA CARDOSO

Autor: Marcio Luiz Schenkel Rivera

O Programa Convivência é uma ação de extensão permanente da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, coordenado pelo - Departamento de Desenvolvimento Social - DEDS que oportuniza a estudantes, professores e técnicos administrativos de diversas áreas do conhecimento da Universidade um convívio contínuo com diferentes realidades sócio-culturais, durante as férias de inverno e verão. Com o objetivo de fortalecer os preceitos da Extensão na Universidade Pública, tendo como princípio a indissociabilidade entre o ensino, a extensão e a pesquisa, desde a primeira edição, em janeiro de 1996, o Convivência tem promovido ações educativas, culturais e científicas em diversas realidades sócio-culturais. Devido à efervescência da discussão nacional sobre as comunidades remanescentes de quilombos e suas demandas, somado a trajetória de ações do Departamento de Educação e Desenvolvimento Social voltadas para este público, na edição verão/2007, optamos por trabalhar exclusivamente com estas comunidades. O Programa Convivência Quilombola foi realizado em duas comunidades do litoral norte do RS: Casca, no município de Mostardas, e Limoeiro, no município de Palmares do Sul. Esta edição envolveu 21 estudantes de X cursos de graduação, servidores técnico-administrativos e docentes, agentes do movimento social e comunidades quilombolas, os quais participaram de um processo que envolveu, além da convivência propriamente dita, um período de formação e outro avaliação. A formação abordou de forma ampla a realidade social, econômica e cultural das comunidades quilombolas, por meio de palestras, documentários, reuniões em grupos e pelo contato inicial com representantes das comunidades. Após essa etapa, os conviventes da Universidade partiram para as comunidades, em dois grupos, para uma imersão de sete dias na vida cultura e social de um espaço que até então lhes era desconhecido. No presente trabalho, pretende-se focar especificamente a experiência de convivência entre os universitários e os moradores da comunidade de Casca, as formas e espaços de socialização e interação, tendo por objetivo refletir como o Programa Convivências pode ter sido significativo tanto para os agentes extensionistas da universidade como para os moradores da comunidade. A Comunidade de Casca é um agrupamento de co-herdeiros de um grupo de 23 escravos que, em testamento de 1826, herdaram de Quitéria Pereira do Nascimento as terras de Casca,

parte da antiga Fazenda do Barro Vermelho. Vivem na localidade mais de 400 pessoas historicamente interligadas por laços de afinidade, parentesco, amizade e vizinhança. Essa Comunidade se constituiu através da resistência contra a permanente ameaça de usurpação de suas terras e de seus direitos. Os "casqueiros" hospedaram os visitantes em suas casas, permitindo a participação destes na sua vida cotidiana, em momentos de diálogo, de partilha de expectativas e preocupações, com muitos momentos lúdicos e de descontração, em que história das diferentes trajetórias de vida foram emergindo. E nisso ocorreu o mais importante: o choque no contato com o Outro, a descoberta de algo para além do próprio mundo. Foi o contato de dois universos, que apesar da pouca distância espacial, possuem formas e fundos culturais diferentes. À um mundo urbano, onde as relações sociais são múltiplas, na qual o contato com pessoas desconhecidas é freqüente, em que os núcleos familiares se fragmentam constantemente, em que a organização da vida material dá-se sobretudo por meio do dinheiro, é apresentado um espaço em que imperam as relações de ordem familiar, com fortes relações diádicas de compadrio e reciprocidade, com divergências marcadas, com uma relação com o mundo bastante próximo daquilo que caracteriza as sociedades "tradicionais", nas quais o tempo é medido pelo tempo da natureza e em que se depende da terra e do clima para a manutenção da vida material. E vice-versa. Nesse estranhamento, em que os extremos foram, de um lado, o deslumbramento e, do outro, o desconforto, ocorreram as convivências. Foram muitos os momentos de vivência e troca de saberes neste trajeto: conversas, momentos de alimentação, jogos cooperativos, festejos, sessões de cinema, visitas a espaços históricos da localidade, diálogo sobre organização política da comunidade, oficinas de ervas medicinais, com muita música e brincadeiras. Além disto, houve mutirões de capina, colheita de alimentos e trato de animais. Este conjunto de experiências estimulou cada convivente, "casqueiro" ou universitário, a refletir sobre a diversidade de história e cultura em nossa sociedade. Além disto, aos futuros sociólogos, historiadores, nutricionistas, enfermeiros, artistas, biólogos, agrônomos, foi possibilitado o encontro com uma comunidade cuja trajetória de luta por terra, educação, saúde, vida digna atravessa o século. Foi uma oportunidade também para a troca de saberes, em que foi possível a articulação entre conhecimento local, também chamado "popular", com o acadêmico. Numa ação exemplar do Convivência, o professor José Maria Wiest, docente do Instituto de Ciência e Tecnologia de Alimentos, coordenou uma oficina de preparação de shampoo para piolhos e xarope para verminoses. Esta atividade demonstrou tanto a urgência da apropriação do conhecimento dos "mais velhos" pelos "mais novos", na comunidade, como evidenciou uma possibilidade de ação extencionista, na qual os agentes universitários podem ser úteis não só

para a circulação dos saberes populares como para sua preservação contra o tempo e, inclusive, contra a ação expropriadora de patentes promovida por corporações farmacêuticas internacionais. Na convivência desses sete dias, na comunhão, em tons nem sempre pacíficos, no estranhamento, emergiu um momento de reflexão, em que ficou mais fácil olhar "para si" depois de se olhar "para o outro". Houve conquistas de caráter pessoal para muitos, e de caráter especialmente profissional para os alunos da Universidade. As interações com o outro fizeram ver que a noção impositiva de relação entre profissional e "paciente", como é pensada por muitos, leva necessariamente a uma visão cega, em que o profissional se arroga o detentor e transmissor de Verdade desconhecida pelo "paciente". Cega porque impede o próprio profissional de ver os limites de seu saber e impede com que se descubram os saberes, os conhecimentos detidos, por vezes a gerações, por aqueles a quem se considera "paciente". Conclui-se que a principal lição que este convívio proporcionou, simples e prazerosa, foi que os saberes se complementam e que os bancos universitários precisam ser deslocados pra outros territórios pra que a formação de qualquer profissional seja mais completa.